



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONTO “O HOMEM QUE  
SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO, E SUA ADAPTAÇÃO  
PARA HQs**

**UBIRACY FEITOSA DA ROCHA SOBRINHO**

Catolé do Rocha-PB  
2013

**UBIRACY FEITOSA DA ROCHA SOBRINHO**

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONTO “O HOMEM QUE  
SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO, E SUA ADAPTAÇÃO  
PARA HQs**

Artigo de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora:  
Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes

R672a Rocha Sobrinho, Uiracy Feitosa da.  
Análise comparativa entre o conto “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto e sua adaptação para HQs. Uiracy Feitosa da Rocha Sobrinho. – Catolé do Rocha, PB, 2013.  
23 f.

Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, 2013.

Orientação: Profa. M. Sc. Marta Lúcia Nunes, Departamento de Letras e Humanidades.

1. Literatura. 2. Contos. 3. Histórias em quadrinhos. I. Título.

21. ed. CDD B869.301

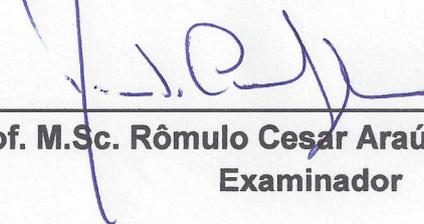
**UBIRACY FEITOSA DA ROCHA SOBRINHO**

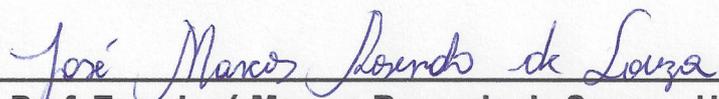
**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONTO “O HOMEM QUE  
SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO, E SUA ADAPTAÇÃO  
PARA HQs**

Aprovado em 03 de Setembro de 2013

**Banca examinadora**

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes – UEPB**  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. M.Sc. Rômulo Cesar Araújo Lima – UEPB**  
Examinador

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza – UEPB**  
Examinador

## RESUMO

O surgimento da literatura teve como base a tradição oral, em que os contadores de história percorriam as comunidades relatando lendas e contos que foram transmitidos de geração em geração. Esses foram os primeiros passos que fizeram surgir a literatura, cuja oralidade foi aos poucos sendo transportada para a linguagem escrita. No entanto, o homem, criativo e inventivo, não se contentou apenas em produzir narrativas tradicionais, criou também novos gêneros literários como, por exemplo, as Histórias em quadrinhos – HQs que conquistaram novos leitores, inicialmente em jornais e revistas. O presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise comparativa entre o conto “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto na literatura tradicional e o referido conto adaptado para história em quadrinhos. A pesquisa realizada foi de cunho bibliográfico centrado nos seguintes autores: Amarilha (1997), Araújo, Alves Costa & Bezerra Costa (2008), Carvalho (1985), Eisner (1999), Fogaça (2002), Daiches (1991), Giardinelli (1992), Goyanes (1967), Teles (1974), Scliar (1996). Depois de realizada a análise foi possível verificar entre o conto tradicional e a história em quadrinho alguns pontos positivos e negativos, tais como a inserção da imagem e a perda substancial de sua essência, respectivamente.

**Palavras-chave:** Literatura. Contos. Histórias em quadrinhos.

## ABSTRACT

The emergence of the literature was based on the oral tradition, in which the storytellers roamed the communities reporting tales and legends that have been passed down from generation to generation. These were the first steps that gave rise to the literature, whose orality was gradually being transported to the written language. However, the man, creative and resourceful, not content to produce traditional narratives, also created new literary genres such as the Comic books - comics that have won new readers, initially in newspapers and magazines. This work aimed to make a comparative analysis between the short story "The Man Who Knew Javanese", from Lima Barreto in traditional literature and referred tale adapted for comics. The research was focused on bibliographical following authors: Amarilha (1997), Araújo, Alves Costa & Bezerra Costa (2008), Carvalho (1985), Eisner (1999), Fogaca (2002), Daiches (1991) Giardinelli (1992), Goyanes (1967), Teles (1974), Scliar (1996). After we performed the analysis was verified between the traditional tale and comic strip some positives and negatives, such as the inclusion of image and the substantial loss of its essence, respectively.

**Keywords:** Literature. Tales. Comics.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>06</b>
<b>1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS</b>	<b>09</b>
<b>2. CONTO: O ENCANTO DA NARRATIVA CURTA</b>	<b>13</b>
<b>3. LIMA BARRETO: UM ESCRITOR ENGAJADO</b>	<b>17</b>
<b>4. O CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”</b>	<b>19</b>
<b>5. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONTO E A HQs</b>	<b>20</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>24</b>

## INTRODUÇÃO

A literatura surgiu dos contos e lendas contadas oralmente, em que se destacaram os contadores de histórias, tendo como principais personagens reis e rainhas e pessoas envolvidas em amores proibidos. Esses contadores de histórias andavam pelas comunidades e conseguiam reunir os seus moradores para ouvi-los por noites adentro. Montavam-se enredos em que as dificuldades teriam de ser superadas pelas personagens, que se transformavam em verdadeiros heróis e heroínas. Os vilões, por sua vez, teriam de ser punidos ou recebiam castigos divinos, em consequência das maldades cometidas no decorrer da história.

Tudo o que era levado ao conhecimento da população tinha semelhança com o que acontece nos dias de hoje nas telenovelas. No âmbito do Nordeste, as histórias eram contadas com muita ênfase, em que o contador era assim como a velha Totonha, que vivia perambulando por quase todas as comunidades da região de Pilar. Ela se tornou bastante popular na região do Vale do Paraíba pelas impressionantes histórias que contava. As conhecidas histórias de trancoso faziam sucesso e os contadores de histórias eram vistos como artistas e tinham o respeito do povo. Dentre as muitas, contadas, destacava-se a história do pavão misterioso.

Toda essa riqueza cultural transmitida de geração em geração, através da oralidade, com o passar do tempo, poderia passar por alterações. Isso ocorrendo acrescentando ou suprimindo aspectos importantes, num verdadeiro processo de adaptação.

Esses foram os primeiros passos dados para o surgimento da literatura. A oralidade foi aos poucos sendo levada para a linguagem escrita, estruturando as bases dos contos, das crônicas, dos romances. Essas histórias serviram de base para a inspiração de muitos escritores, no decorrer de sua produção literária. Um dos exemplos é o paraibano José Lins do Rêgo, que sempre repetia ter sido muito estimulado pela oralidade, e reconhecia que os contadores de história o influenciaram desde a infância, quando os ouvia atentamente contarem histórias que marcaram sua vida. Desse modo, logo o homem descobriu uma nova forma de utilizar esses recursos, ao colocar à disposição do leitor toda uma gama de

emoções e sensações proporcionadas por um tipo de leitura que despertasse o prazer. Assim, enriquecida pela ficção, a literatura foi conquistando o seu espaço, e se tornando instrumento não só de divertimento, mas de estudo, pesquisa, comparações desde as escolas mais elementares até as universidades.

Do papiro aos folhetins, as letras ganharam volume e nome apropriado – livros - e encontraram terreno fértil na sede de conhecimento própria do ser humano. A busca permanente da literatura sob as mais diversas formas, através dos variados tipos de conteúdo, somente têm crescido sua produção.

Geralmente os leitores apaixonados e estudiosos das obras literárias podem se tornar produtores e construtores da própria literatura. São levados, dessa maneira, a dar continuidade a vida literária, levando-se em conta o contexto, a história de vida de cada um, à vida sociocultural.

Eles buscam a melhor forma de encantar seus leitores. Usam estratégias diversas, conforme as características culturais de cada nação ou região. Como em outros países, no Brasil a Literatura ganhou status e o incentivo constante para o ato de ler nas escolas.

Esse impulso ganhou mais força a partir do início do século XIX, quando se instalou no Rio de Janeiro a família real portuguesa. Para cá vieram os membros da corte, os órgãos oficiais e um dos fatores principais: a instalação da imprensa régia. Com isso, muitos escritos passaram a ser produzidos e editados em nosso país, tornando os livros mais acessíveis a população através das bibliotecas públicas.

A produção literária passou a ser destinada, em grande parte, para o divertimento dos filhos e filhas da corte. Publicavam-se capítulos em sequência, por meio dos folhetins, durante semanas, meses, até anos, em que as histórias se prolongavam, visando prender a atenção desses leitores.

A maior parte dos consumidores dessa produção literária escrita estava nos grandes centros, onde havia também um número maior de escritores, poetas, literatos, críticos, romancistas. Nesse sentido, as cidades de maior destaque eram Rio e São Paulo. Essa última passou a ter muitos leitores, tendo em vista ter aumentado o número de alfabetizados, em virtude da grande leva de imigrantes europeus. Em qualquer lugar pode-se criar uma obra primorosa. Foi o que aconteceu com tantos autores maravilhosos ao longo dos anos. Como Lima

Barreto, eles tiveram a preocupação de transformar diversos ambientes em pano de fundo. Passaram a levar em consideração fatores de ordem social, econômica e cultural para a produção de suas obras.

Criativo e inventivo, o homem não se contentou apenas em criar os livros. Já que ele é um ser complexo, era necessário ousar para atingir todos os públicos. Partindo desse pressuposto, surgiram outras formas de leitura. No decorrer dos anos, com as mudanças nas práticas educacionais, educadores ganharam importantes aliados na luta constante para formar leitores críticos e capazes de interagir no contexto social.

O presente trabalho tem por objetivo comparar o conto “*O Homem que Sabia Javanês*”, na literatura tradicional e na História em Quadrinhos no tocante ao aspecto do prazer da leitura, considerando as histórias em quadrinhos importantes aliadas do educador e do educando. Através delas os alunos desenvolvem a criatividade ao re/criarem situações de mundo, relacionando a história em quadrinhos com a realidade na qual estão inseridos. Desta forma, trata-se de um recurso que possibilita mediar não apenas a produção escrita, mas também o gosto pela leitura e pela escrita.

O artigo encontra-se estruturado em cinco tópicos. No primeiro tópico intitulado “Histórias em quadrinhos”, discutimos acerca da origem das HQs e a função social e política deste gênero literário na transmissão de mensagens por meio do diálogo. No segundo tópico intitulado “Conto: o encanto da narrativa curta”, discutimos sobre a importância do conto na vida dos escritores. No terceiro tópico intitulado “Lima Barreto: um escritor engajado”, destacamos aqui, a vida deste autor no contexto social da época. No quarto tópico, com o conto intitulado “O Homem que sabia Javanês”, discutimos os artifícios usados por Castelo para se dar bem como um falso professor de javanês.

A análise comparativa foi contemplada no quinto capítulo, intitulado “Análise comparativa entre o conto e a HQs”. Analisamos que para transformar o conto tradicional em quadrinhos são feitas alterações, uma vez que se faz necessário adaptar diálogos e desenhar as expressões dos personagens, no decorrer das falas. Nas “Considerações Finais”, o presente trabalho teve como foco a história em quadrinhos “O homem que sabia javanês”, na literatura

tradicional, com os quadrinhos apontados como elemento mediador de leitura e de escrita.

## 1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As Histórias em Quadrinhos, também conhecidas como HQs, são narrativas nas quais são utilizados textos curtos em forma de diálogos, apresentando figuras, cujas “falas” estão inseridas em balões e podendo abordar diversos temas. Trata-se de uma linguagem baseada na oralidade, em que a fala cotidiana do povo merece atenção especial de análise.

Conquistando leitores em jornais e revistas, os HQs foi tornando-se atração de alguns veículos de comunicação, com uma linguagem própria e modernas que ganham mais espaço no mundo globalizado e na era digital, em filmes, games e, ainda, nas revistas.

As HQs têm ganhado a atenção de vários tipos de leitores, desde a faixa etária mais jovem até o público adulto. Durante décadas passadas as revistas traziam as telenovelas em Quadrinhos, proporcionando mais oportunidade aos ouvintes das rádonovelas a terem mais um meio de acompanhar os personagens que faziam parte de grandes histórias.

Dentre os grandes sucessos das novelas apresentadas pelo rádio, que depois eram veiculadas em Quadrinhos, merecem atenção *O Direito de Nascer*. Anos depois, com o advento da televisão, passou a ser apresentada na tela da então TV Tupi de São Paulo.

As histórias em quadrinhos não só trazem informações indispensáveis aos leitores e grandes consumidores desse estilo de literatura, mas oferecem divertimento e curiosidade a cada passo. Tem-se em vista a criatividade sempre renovada dos seus autores, em que se faz o enriquecimento do estilo, explorando-se uma linguagem compatível com a temática.

De acordo com a habilidade dos autores, vários assuntos podem ser trabalhados. Até mesmo fatos em evidência, que envolvem sociedade, política, religião, futebol e outros podem ser adaptados e montados em Quadrinhos. Esses conteúdos não estão livres de serem explorados pela ficção, em que o diálogo

pode avançar na direção do humor, em que o texto dialógico e interativo passa a ser valorizado com conteúdo crítico bem mais sutil.

Os seus personagens passam, às vezes, a assumir papéis que analisam e explicitam de forma subjacente personalidades da vida real. Essa crítica faz cumprir a função social e política das HQs na transmissão de mensagens por meio do diálogo.

Outro aspecto importante é a força verbal dos personagens, com atenção especial aos pontos de interrogação, exclamação, reticências, aspas e demais recursos da língua, com a intenção de sugerir outros sentidos e significados. O mais interessante é que esses personagens são bem caracterizados e têm personalidades bem definidas.

O enredo das histórias em quadrinhos sugere o desenrolar de uma ficção por meio de um ciclo de imagens fixas (em oposição ao desenho animado), sendo organizado em segmentos. Nessa justaposição de palavras e imagens, o leitor desenvolve suas habilidades interpretativas visuais e de cunho artístico, percebendo, mesmo que inconscientemente, aspectos literários e lingüísticos.

Fogaça (2002 p. 129) ressalta que a história em quadrinhos é importante porque:

Os quadrinhos são uma forma narrativa em que a leitura pode acontecer com sutis diferenças de outras leituras, por exemplo, de um livro. Eles têm muita probabilidade de serem relidos. Embora a narrativa seja conhecida, o leitor pode encontrar, numa segunda leitura, uma nova combinação de elementos visuais e escritos, apreciar determinadas cenas, percorrer a página com mais calma. Faz-se, então, uma leitura muito mais lúdica e ativa. De certa forma, o leitor pode constantemente modificar sua leitura, tornando-a mais lenta, retrocedendo ou parando. É uma progressão particular que depende muito do conteúdo literário para alterar o ritmo ou desencadear a fantasia.

Os Quadrinhos possuem a possibilidade de chamar a atenção pelo fato de terem o auxílio de alguns elementos visuais utilizados pelos autores. São estratégias que exercem ações de atração sobre os leitores. Esses meios não estão presentes na leitura do texto convencional. Por isso, este se torna, para muitos leitores, um tanto quanto enfadonho.

O visual exposto pelo texto em quadrinhos é, na realidade, mais chamativo, especialmente para os leitores mais jovens. Assim, as cores, os

formatos, os modelos gráficos e similares não devem ser ignorados. Todos eles fazem parte do processo comunicativo e não deixam de ter uma carga de sentido que fortalece a compreensão e interpretação do conteúdo que o autor pretende transmitir a quem lê.

Portanto, os textos em quadrinhos facilitam oportunidades de releitura pela forma divertida que os caracteriza, e porque não há dificuldade de qualquer trecho ser localizado. Isso representa uma das condições essenciais a serem usadas pelos que gostam desse tipo de leitura e a fazer com que outros passem a também ter interesse.

Tendo em vista os recursos adicionais que possuem ao lado da palavra, os quadrinhos poderiam ser melhor aproveitados e trabalhados pelos professores em sala de aula, sobretudo no ensino fundamental. Consiste, portanto, em uma forma de conquistar crianças e adolescentes mais desatentos, despertando neles o prazer pela leitura. Trata-se de uma das estratégias possíveis para estimular a curiosidade adormecida, em estado de latência.

Os quadrinhos são formas de comunicação que guardam maior proximidade com a interação humana. A questão preocupante é que a escola de um modo geral não tem atentado para esse fator, ou seja, está mais preocupada com a aprendizagem dos paradigmas mais clássicos, de cunho cientificista e/ou técnico. Será que a própria ciência, dentro das limitações estabelecidas pelo texto, não poderia ser levada ao conhecimento público através dos quadrinhos?

É evidente que sim. Até por que não é de hoje que eles existem. Há muito tempo usado pelas nações desenvolvidas do mundo, passou a integrar a grande mídia impressa, ampliando seu leque de acesso à leitura e valorizando a liberdade textual.

Quanto mais diversa a forma de impressão, mais variada se torna a busca por diferentes perfis de leitores. Isso pode perfeitamente potencializar a literatura, por ser uma forma de arte que não pode somente lidar com a palavra. Em que pese à palavra ser a matéria prima dessa arte, os recursos usados ao lado dela para robustecer seu conteúdo são fundamentais.

Surgidas no final do século XIX, as Histórias em Quadrinhos ganharam espaço, ocupando a cada dia mais importância. No início o uso dos Quadrinhos foi constatado nos jornais dominicais dos Estados Unidos. Posteriormente, o

Japão passou a adotá-lo, tendo a melhor receptividade possível pela imprensa e pela literatura. Tempos depois, o mesmo ocorreu em relação à Europa, onde as Histórias em Quadrinhos passaram a ter grande preferência de leitura nos seus principais países. Depois passaram a ser difundidos em todo o mundo, ganhando destaque neste período os primeiros cartunistas famosos: Richard Outcault, Rudolph Dirks e WinsorMcCay.

No século XIX, os cartuns, charges ou caricaturas têm sua publicação no Brasil, assumindo um cunho satírico e caricaturesco, no momento crítico da história política do país.

Mais tarde, já no século XX, surgem revistas com histórias em quadrinhos, ainda influenciadas pelos americanos, europeus e japoneses, apesar dos brasileiros também contribuírem com histórias.

No Brasil, as primeiras charges surgem em 1837 e outros autores seguem a tradição de copiar nos jornais as famosas tirinhas.

No campo da temática política e social, artistas como Chico Caruzo, Pedro Caruzo, Henfil e tantos outros como o pasquim, publicaram charges e caricaturas que marcaram época, principalmente durante o regime militar dos anos 70, satirizando os generais, a ditadura e principalmente camuflando a censura.

Atualmente nomes como Maurício de Sousa e Ziraldo ganham destaque no cenário nacional com as célebres histórias em quadrinhos da Turma da Mônica e do Menino Maluquinho, que encantam alunos de todas as regiões do país.

Ao utilizar as HQs na educação salienta-se que:

[...] sua aplicação como recurso pedagógico, não existem regras para a sua utilização no âmbito educativo, mas é preciso ter um pouco de conhecimento e criatividade por parte do professor para uma melhor aplicação deste instrumento educativo na sala de aula, sem falar que a seleção do material é de inteira responsabilidade sua. O docente deve ter um planejamento, conhecimento e desenvolvimento de seu trabalho nas atividades que utilizarem as histórias em quadrinhos, independente da disciplina ministrada e, buscar estabelecer objetivos que sejam adequados às necessidades e as características do corpo discente da sala de aula, visto que isto é fundamental para a capacidade de compreensão dos alunos e de conhecimento do conteúdo aplicado [...] (ARAÚJO, COSTA e COSTA, 2008, p. 33).

Para que os professores possam incluir no currículo escolar atividades com Histórias em Quadrinhos, cuja importância não se discute, torna-se indispensável a realização de uma sondagem da real vivência dos alunos com os mesmos. Isso é necessário para que o professor a partir da realidade de que tomará conhecimento possa planejar os conteúdos e prática pedagógica a ser empregada.

O primeiro ponto a ser explorado diz respeito aos conhecimentos que o aluno traz do meio social e familiar em relação aos Quadrinhos. Se os encarava como divertimento ou algo que sempre lhe deu prazer, ainda melhor.

Assim, todas as disciplinas são capazes de serem trabalhadas em Quadrinhos, especialmente aquelas de que os alunos mais gostam; que tocam mais fortemente seus sentimentos ou que integram de maneira permanente sua vida ou seu cotidiano escolar.

Será que não é possível a criação de uma história em quadrinhos, envolvendo as operações matemáticas, em que os alunos em diálogo apresentem alternativas diferentes para a solução de uma mesma questão?

Ao transformar o conto de Lima Barreto “O Homem que sabia Javanês” em uma história em quadrinhos, Jô Fevereiro e Sebastião Seabra oportunizou aos educadores usar grandes nomes da literatura em suas aulas, uma vez que a leitura dos quadrinhos é uma práxis nas escolas, que torna prazeroso o ato da leitura, que muitos alunos acham chato quando não tem as figuras.

## **2. CONTO: O ENCANTO DA NARRATIVA CURTA**

O conto é uma obra de ficção onde se cria um universo de seres e acontecimentos, de fantasia e imaginação. É um texto de pequena extensão, conciso, mas que nem sempre deixa de ter grande profundidade, levando em consideração a dimensão crítica desenvolvida pelo autor, como, por exemplo, os contos de Machado de Assis.

Além de Machado de Assis, muitos escritores brasileiros se utilizaram do conto para tecer críticas à sociedade, traçar perfis da realidade e satirizar situações muitas vezes imperceptíveis pela população. Os escritores encontraram no conto uma forma rápida de transmitir uma mensagem repleta de

intencionalidades, envolvendo poucos personagens, num espaço restrito e com uma história curta. Desse modo, o leitor tem contato, em pouco tempo, com o clímax e o desfecho da história. Esses contistas tornam-se porta-vozes de um povo que, às vezes, encontra-se alheio à sua própria realidade.

Foi no século XIX que o conto obteve maior sucesso como forma literária, conforme afirma Goyanes (1967, p. 27):

O século XIX é, nas literaturas européia e americana, o grande século do conto; e a simples menção de nomes tão significativos como os de Maupassant, Daudet, Chekov, Oscar Wilde, Edgar Allan Poe, Hoffmann etc, fala-nos eloqüentemente do alcance e da universalidade do gênero, elevado então à categoria de clássico.

Se o conto se consolidou nas mais importantes civilizações do mundo, que exerciam influência sobre as demais nações, e que dominavam as artes, as ciências, a filosofia e os demais campos do conhecimento humano, o conto, certamente, não deixaria de ser adotado pelos demais continentes.

Para Giardinelli (1992), o conto é o gênero literário mais moderno e que maior vitalidade possui: "Sustento sempre que o conto é o gênero literário mais moderno e que maior vitalidade possui, pela simples razão que as pessoas jamais deixarão de contar o que se passa, nem de interessar-se pelo que lhes contam bem contada".

O escritor Scliar, mais conhecido como contista do que como romancista, revela sua preferência pelo conto:

Eu valorizo mais o conto como forma literária. Em termos de criação, o conto exige muito mais do que o romance... Eu me lembro de vários romances em que pulei pedaços, trechos muito chatos. Já o conto não tem meio termo, ou é bom ou é ruim. É um desafio fantástico. As limitações do conto estão associadas ao fato de ser um gênero curto, que as pessoas ligam a uma ideia de facilidade; é por isso que todo escritor começa contista (In Folha de S. Paulo, 1996)

Acredita-se que o conto terá vida eterna, nunca deixará de ser usado por facilitar a vida dos escritores. E essa segurança tem-se tornado mais evidente

pelo fato de receber esse gênero da literatura o elogio de renomados escritores. É uma forma de montar enredos, cujos personagens interagem intensamente, em que a linguagem avança com celeridade e busca conclusões imediatas.

O conto tem sido motivo de pesquisas e estudos mais profundos por parte das universidades, em que professores e críticos literários se debruçaram sobre tal gênero comparando estilos, influências, motivações, conseqüências e os contextos nos quais os escritores estão inseridos.

Nas escolas, os educadores utilizam-se também dos contos porque os alunos não têm ainda desenvolvido de modo satisfatório o hábito da leitura, necessitando, portanto, de leituras mais curtas

Amarilha (1997, p. 49) defende os contos, pois para ela:

A linguagem literária organiza os fatos diferentes da linguagem oral do cotidiano. Como essa roupagem tem bossa, ritmo, humor, o leitor mirim percebe que está diante de uma maneira diferente de ser da língua. É por essa razão que muitas vezes a criança solicita a repetição de uma mesma história, principalmente, crianças pré-escolares. Visto que não dominam ainda os esquemas e convenções da escrita, elas precisam ter um apoio para aprenderem as novidades da linguagem literária - o ritmo das frases, o jogo de sonoridade, a arrumação das palavras são para elas pontos de referência no acesso à escrita.

Tem razão quem perceber reais diferenças entre a linguagem literária e a linguagem cotidiana, principalmente aquela usada na oralidade. As pessoas se utilizam desse tipo de linguagem para estabelecer um canal de comunicação entre si. Enquanto isso, a linguagem literária tem qualidades diferentes. Sendo bem trabalhada, adquire mais expressividade, em consequência de uma infinidade de qualidades construídas pela habilidade artística do escritor.

Além dos meios estéticos empreendidos pelos autores, que são qualidades particulares de cada um, ou de época, há também as preferências temáticas que exercem atração sobre quem escreve. Dessa maneira, a linguagem literária é organizada e o texto produzido com muita liberdade.

Com essas qualidades e nuances da linguagem literária, a criança vai se adaptando e aprendendo com os anos e a intensidade da prática de leitura. Aos

poucos as dúvidas vão sendo também dirimidas pelas explicações dadas pelos professores. Não tem como esse processo ser consumado com celeridade.

A lógica do texto literário, de organização de sua linguagem, de disposição das ações, dos fatos ficcionais procura, às vezes, construir um sentido subjacente, presente nas entrelinhas. A vivência da criança com a leitura de textos literários fará com que haja uma incorporação natural dos valores da literatura e dessa forma de escrever em seu dia a dia.

Teles (1974, p. 7) situa que:

O conto pela sua natureza breve e estrutura, esteve sempre ao nível do indivíduo; pelo seu carácter sintético, de simples corte na realidade, nunca chegou a delinear uma imagem nítida e total da sociedade, embora a sua origem seja de natureza gregária, ligada ao clã e à família.

A estrutura do conto é plana e horizontal, com linguagem simples, embora padrão, com ação e colorida. O lugar onde se passa a história é indeterminado: “em um lugar, país, numa confeitaria”. O tempo é indefinido: “certa vez...”, “há muito tempo atrás...”. O enredo conta a história do herói, com a repetição dos sentimentos e ações nobres ou não de seu carácter, que conduzem a um final que causa prazer e satisfação. Os personagens devem ter uma qualidade, uma ação, uma atuação: boa ou má, obediente ou não, feia ou bonita, sem variações psicológicas (CARVALHO, 1985, p. 56).

Em “O Homem que sabia Javanês”, percebem-se esses aspectos logo no início, quando Castelo aborda seu amigo Castro e passa a se vangloriar de determinada situação vivida por ele quando foi contratado para ensinar javanês, língua da ilha de Java, ao esnobe Barão de Jacuecanga, já que conseguira safar-se da dívida do aluguel, ao falar alguns vocábulos estranhos, ao seu senhorio, resolveu ir adiante a ganhar mais à custa dos mais ingênuos.

Com isso, o escritor procura mostrar também que as pessoas são facilmente enganadas. Pela falta de conhecimento são levadas a acreditar em histórias que se caracterizam pelo engodo, em que o pensamento crítico da massa não aflora; continuam à distância de detectar as falcatruas, as armadilhas que são montadas para que se tire proveito daqueles vistos como menos informados.

### 3. LIMA BARRETO: UM ESCRITOR ENGAJADO

Lima Barreto viveu numa época em que o Brasil passava por grandes transformações sociais e culturais. O fim do império e o início da República, fato que chocou a população do Rio de Janeiro pela forma como aconteceu o golpe. Colocam-se em foco os graves problemas enfrentados por um país marcado pela corrupção e o desmando do governo republicano do Marechal Deodoro da Fonseca.

A exclusão da população continuava, bem como as revoltas que aconteciam no campo e nas cidades, mostravam o descontentamento do povo com o governo. A passagem do regime imperial para o republicano foi uma decisão da elite militar do país. Não houve qualquer participação popular.

A notícia da Proclamação da República, no dia 15 de novembro de 1889, foi uma surpresa geral. Mesmo com a mudança de regime, a situação de miséria, desemprego, doenças infecciosas, educação precária continuava da mesma forma. Por ser de família humilde e vítima da situação vivida pelo país, Lima Barreto desabafa todos esses desmandos em seus contos, em sua obra de maneira geral.

Paralelamente ao que ocorre no Brasil, na Europa vivia-se uma fase de profundas mudanças socioculturais, e na Inglaterra, a Revolução Industrial impulsionava a produção, originando o capitalismo e a busca desenfreada pelo ter. A busca exacerbada do lucro, do acúmulo de capital, a valorização doentia dos bens materiais passou a desumanizar o homem. Tem início, entretanto, a exploração da força de trabalho, em que o capital passa a comprar o tempo de trabalho como uma mercadoria.

As coisas não mudaram tanto, ainda continuam assim. Por isso, a literatura de Lima Barreto foi moldada por certa sensibilidade social. Já que tanto sofreu preconceito, não poderia ignorar a crua realidade que cercou principalmente as populações mais carentes nos fins do século XIX e início do século XX.

No século XVIII a literatura não tinha um cunho social, sendo meramente vista como imitação da realidade, feita para o entretenimento. Aos poucos, uma nova consciência do papel da literatura começa a tomar forma, e os escritores

começam a escrever sobre seus anseios, preocupados em externar suas emoções, não mais somente procurando agradar a seus leitores (DAICHES, 1991).

O início do século XX parecia promissor, já que a Ciência se desenvolvia e proporcionava progresso e conforto. Entretanto, esse conforto não atinge a todos e as desigualdades sociais tornam-se ainda mais visíveis, provocando grande inquietação na população, que culmina num ansioso desejo de retratar a sociedade e suas desigualdades.

Portanto, a produção literária deste período passa a ser crítica, com temas de denúncia social e personagens típicos do Brasil caipira, sertanejo, malandro, enfim, um retrato do famoso jeitinho brasileiro para cada situação.

É neste ambiente ambíguo e controverso que Lima Barreto encontrará inspiração para dar vida a personagens marcantes, como Castelo, de “O Homem que Sabia Javanês”.

Nascido em 1881, cedo iniciou na Literatura. Filho de pais pobres e mestiços sofreu esse preconceito em toda sua vida. Logo cedo ficou órfão de mãe e estudou no Colégio Pedro II e na Escola Politécnica, no curso de Engenharia. Seu pai enlouqueceu e foi internado, obrigando Lima Barreto a abandonar o curso de Engenharia.

Para sustentar a família, composta de três irmãos, empregou-se na Secretaria de Guerra e, ao mesmo tempo, escrevia para vários jornais do Rio de Janeiro. Ao produzir uma literatura inteiramente desvinculada dos padrões e do gosto vigente, recebe severas críticas dos letrados tradicionais. Explora em suas obras as injustiças sociais e as dificuldades das primeiras décadas da República. Com seu espírito inquieto e rebelde, Lima Barreto entrega-se ao álcool.

Em 1904 consegue emprego de escrevente copista na Secretaria de Guerra e, simultaneamente, continuou colaborando com quase toda a imprensa do Rio de Janeiro. Ainda estudante, já escrevia para a Revista da Época e para a Quinzena Alegre. Em 1905 passa a escrever no Correio da Manhã, jornal de grande prestígio.

Em todas as suas obras é possível perceber a preocupação e a percepção dos fatos históricos e dos costumes sociais, que o tornam malquisto por aqueles que têm dificuldade em aceitar a realidade, sem a idealização

normalmente usada para mascará-la. Suas obras retratam as classes populares sem floreios, seus problemas, sua luta diária pela sobrevivência e a malandragem dos que usam da esperteza para se dar bem.

Escreveu dentre outras obras, Recordações do Escrivão Isaías Caminha, Triste Fim de Policarpo Quaresma e o conto “O Homem que sabia Javanês”.

#### **4. O CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”**

No conto “O Homem que sabia javanês” foi possível perceber num primeiro olhar o típico brasileiro, pobre, em dificuldade financeira, morando de aluguel, mas que não trabalha porque emprego é difícil. E o era ainda mais no início do século passado quando a população assistiu estupefata à transição do Império para a República.

Era comum nas confeitarias da capital a presença de malandros, peritos em tirar vantagem de qualquer situação para se dar bem. É o caso do personagem Castelo, que não trabalha porque acha monótono, mas sempre acha um jeito de se safar das situações embaraçosas.

O nome do personagem, já indica pompa - Castelo, sendo ele, esperto, analisa logo como se dar bem, ganhar status e ficar famoso, levando a melhor, num país, onde é tradicional ter vantagem quem tem melhor condição social e boa aparência.

Não é possível perceber no conto qual a origem de Castelo, sabe-se apenas que ele é mestre na arte da malandragem, e que dificilmente tinha dinheiro para pagar o aluguel dos lugares onde se hospedava. Apenas ao se deparar com o barão, sua vida sofreu uma reviravolta, já que agora ele é um afamado professor de javanês, não tendo o menor remorso em enganar para conseguir o que almeja.

Ao lado do espertalhão está o Barão de Jacuecanga, que não tem o menor interesse em aprender javanês, mas quer impressionar as futuras gerações da família, deixando dito que ele aprendeu javanês, fato que lhe daria status.

A família do barão, apesar de rica, é esnobe e pobre culturalmente, o que facilita a ação de Castelo; até mesmo o Barão de Caruru deixa-se impressionar pelo título de mestre em javanês.

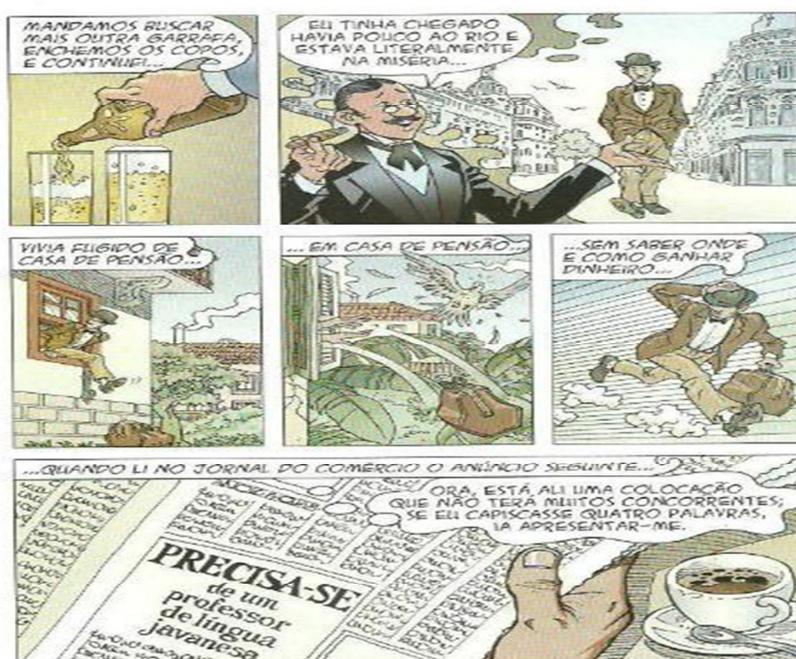
Vale salientar que o conto é contado por Castelo em uma mesa de bar, fato que banaliza o episódio. Castelo se gaba para Castro de sua esperteza e ridiculariza suas vítimas, mostrando-se orgulhoso de suas façanhas. Castro é ingênuo e admira as aventuras vividas por Castelo no que ele pontua como “um Brasil imbecil e burocrático”.

## 5. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONTO E A HQs

Analisando o conto sob aspectos distintos é possível encontrar pontos favoráveis acerca dos quadrinhos, por ser mais atrativo o fato de os personagens tomarem forma e suas ações serem percebidas pelo leitor. É o mesmo conto, mas com uma roupagem mais atual. As HQs são muito mais atrativas e oferecem maior possibilidade de inferência.

Eisner (1999, p. 41) defende que:

[...] nas histórias em quadrinhos, existem na verdade dois quadrinhos', nesse sentido: a página total, que pode conter vários quadrinhos, e o quadrinho em si, dentro do qual se desenrola a ação narrativa. Eles são o dispositivo de controle da arte seqüencial.



Sob este aspecto, o conto em quadrinhos é uma ferramenta da qual o educador deverá utilizar-se no trabalho com a leitura e a escrita. As HQs oferecem ao aluno diversão, ao observar as expressões faciais dos personagens; ação ao presenciar a corrida de Castelo pelas ruas da cidade fugindo dos cobradores, bem como a boemia típica dos malandros, que têm a sutileza e o encanto que mascaram suas verdadeiras intenções.

Castelo sabe que deve impressionar o barão, para tanto se dedica com afinco a aprender o básico do javanês para ser convincente. Em todo conto na forma de quadrinho há a possibilidade de o leitor ver aspectos da sociedade da época, suas roupas, traquejo social, superficialidade, e a ironia disfarçada a uma sociedade vazia e carente de valores morais e culturais. Fato este que fica visível numa das falas de Castelo quando este diz: “O marido de Dona Maria da Glória era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo mundo a sua admiração pelo meu javanês” (BARRETO, 2009, p. 29)

“Mandamos buscar mais outra garrafa, enchamos os copos e continuei: - Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miséria. Vivia fugido, de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Commercio* o anúncio seguinte: “Precisa-se de um professor de língua javanesa. **Cartas, etc.**”. Ora, **disse cá comigo**, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me” (BARRETO, 1988, p. 131-132).



Ao transformar o conto tradicional num quadrinho são feitas alterações uma vez que se faz necessário adaptar diálogos e desenhar as expressões dos personagens no decorrer dos diálogos.

A grande justificativa que se pode apresentar em relação à maior facilidade que têm os quadrinhos para atrair o leitor em relação ao conto tradicional, são os recursos adicionais que funcionam como auxiliares da linguagem escrita.

O conto estruturado somente como texto convencional, formado por palavras, frases, períodos e parágrafos não chama a atenção tanto quanto as imagens presentes ao lado das palavras, que juntas constituem os quadrinhos. Essas figuras têm forte expressividade, dizem muito mais do que se pensa.

Muitos leitores são capazes de fazer a leitura das mensagens por meio da observação do comportamento das imagens. Enquanto o conto tradicional, restrito ao uso da palavra escrita, requer do leitor a capacidade de ler a palavra e criar a imagem.

Isso significa que as histórias em quadrinhos oferecem mais facilidade de acesso e compreensão, em razão de passarem por um processo de adaptação, atualização da linguagem, conforme a realidade linguística do leitor. É que à palavra escrita dos quadrinhos vêm em socorro, como complemento, os mecanismos construídos pelo autor como fortes pistas para criar caminhos em favor da compreensão.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos e continuei: - Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miséria. Vivia fugido, de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Comercio* o anúncio seguinte: "Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.". Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me (BARRETO, 1988, p. 131-132).

Portanto, nota-se que quando o conto convencional, tradicional, é adaptado para quadrinhos perde um pouco da essência, prejudicando sensivelmente sua originalidade, a exemplo das expressões: "cartas etc." e "disse

cá comigo”, constantes do conto tradicional e ausentes no conto em quadrinhos. Isso ocorre em todo o decorrer do conto em quadrinhos.

Há um desfalque evidente da inteireza preservada nas páginas do conto convencional. Muitas das frases e expressões consideradas essenciais, para dar sentido ao conto, escritas vivamente em seus parágrafos, são descartadas nos quadrinhos. A criança, mais envolvida com a leitura dos contos em quadrinhos, pode não perceber a perda de termos tão importantes para a grande parte da obra literária.

Por esse motivo, apesar dos elogios e vantagens apresentadas em favor dos quadrinhos, torna-se imprescindível mencionar que os quadrinhos nem sempre contam com apoio unânime. Parte dos leitores conservadores não abre mão do texto completo, original, que vem de há muito mantido pela tradição.

Nesse sentido, os quadrinhos podem ser vistos como uma adulteração da linguagem e do conteúdo presentes na obra; uma falta de respeito ao estilo próprio do autor, que pode ser considerado uma característica, ou na linguagem mais moderna, uma marca de quem escreve.

Sendo assim, em que pese ter boa receptividade, por parte de muitos leitores, os quadrinhos não são aceitáveis em sua totalidade, encontrando alguma resistência, como se a literatura chegasse, porém, a perder um pouco do vigor que possui. Desse modo, são apresentados os prós e os contras, com razões justificáveis, levando em consideração a vivência de cada um.

Essas diferenças são saudáveis, criam variadas oportunidades, em suas diversas circunstâncias, para levar a literatura aos diversos perfis de leitores. Assim, abrem-se espaços para que não só o conto tradicional e o conto em quadrinhos tenham vez, como forma de levar a literatura ao público.

É louvável que a criatividade humana possa levar o conto aos leitores através de outros meios de expressão, dentre os quais a música, o teatro, o poema, os recitais e outros. Contudo, deve-se lutar o máximo possível pela originalidade e a essência do conto convencional. O esforço e a competência dos adaptadores – teatrólogos, poetas, compositores – ajudam a oferecer considerável contribuição para maior proximidade de manutenção do conto tradicional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como foco a história em quadrinhos, como forma de incentivo à leitura, à escrita e à produção textual, bem como uma comparação do conto “O homem que sabia javanês”, na literatura tradicional, com os quadrinhos, pontuando-os como elemento mediador de leitura e escrita.

Ao longo dos anos os quadrinhos sempre exerceram atração sobre os leitores, tornando-se populares por sua simplicidade aparente. Bastante utilizadas no cinema e na televisão as HQs transformam contos tradicionais em imagens que despertam a curiosidade do educando e trazem a literatura sob um novo foco, o da palavra aliada à imagem.

A história em quadrinhos de “O Homem que sabia Javanês” ocorre em um tempo cômico e real, já que apresenta a sociedade mais pobre do início do século XIX e as mazelas comuns a todas as épocas. A descrição dos personagens é acurada, sendo fácil perceber o jeito bem brasileiro dos personagens ingênuos, tolos, trabalhadores, espertos e esnobes, que se exibem para chamar a atenção da mídia.

Na análise comparativa, voltada à educação e à formação de leitores, o quadrinho é muito mais atraente, menos monótono, dando ao aluno a certeza de vivenciar os acontecimentos e acompanhá-los de forma lúdica e prática.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ARAÚJO, Gustavo Cunha; COSTA, MAURICIO Alves; COSTA, EVÂNIO Bezerra. **As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso Didático Pedagógico**. Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes. Uberlândia, n. 2, p. 26-27. Julho/dezembro 2008. Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br>>. Acesso em: 24 de jul. de 2013.

BARRETO, Lima. O Homem que Sabia Javanês. In: **BARRETO, Lima** / seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. 2. Ed. Por Antônio Arnoni Prado. – 2. Ed. – São Paulo: Nova Cultura, 1988 (Literatura comentada).

\_\_\_\_\_. **O homem que sabia javanês.** (Literatura brasileira em quadrinhos). Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABgpMAG/hq-homem-que-sabia-javanes-lima-barreto>>. Acesso em: 10 de Jul. de 2013.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura infantil: visão histórica e crítica.** 4 ed., São Paulo: Global, 1985.

DAICHES, David. **A critical history of English literature.** 2 ed., Londres: Secker&Warburg, 1991. Disponível em: <<http://www.pget.ufsc.br>>. Acesso em: 24 de jun. de 2013.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOGAÇA, Adriana Galvão. **A Contribuição das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores Competentes.** Rev. PEC, Curitiba, V.3, n.1, p. 121-131, jul.2002-jul. 2003.

GIARDINELLI, Mempo. **Puro Cuento.** Buenos Aires:1992.

GOYANES, Mariano Baquero. **Quieselcuento.** Buenos Aires: Columba, 1967

SCLIAR, Moacir. **Folha de São Paulo.** 1996. Disponível em: <<http://catadoradeversos.blogspot.com.br>>. Acesso em: 12 de Ago. de 2013.

TELES, Gilberto Mendonça. **Para uma teoria do conto.** In: Letras de Hoje, n. 18. Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, 1974.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Direito\\_de\\_Nascer\\_\(1964\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Direito_de_Nascer_(1964))>. Acesso em: 18 de Ago. de 2013.